



a **Página**
da educação

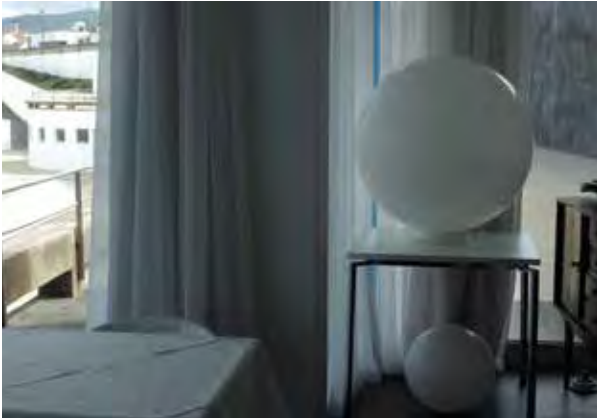
**ISABEL MENEZES:
PROFESSORES DESEMPODERADOS
DIFICILMENTE GERAM EMPODERAMENTO**

**FERNANDO ROSAS:
O MUNDO ESTÁ MUITO CONFUSO**

**ESTATUTO DOS PROFESSORES
RECOMENDAÇÃO DE PARIS TEM 50 ANOS**

**DIREITOS HUMANOS, MIGRAÇÕES,
HOSPITALIDADE
O MOMENTO DA PEDAGOGIA SOCIAL?**

**APM COMPLETA 30 ANOS
A MATEMÁTICA NÃO É UM BICHO-PAPÃO**



Capa: Fotografia de Adriano Rangel

004. EDITORIAL

Construir tempos de hospitalidade

Isabel Baptista



006. ISABEL MENEZES

“[...] acho que faltam outros profissionais na escola, que poderiam coadjuvar o trabalho dos professores, libertar os professores para algumas tarefas e, nomeadamente, nas questões da mediação ou interação comunitária, favorecer essas redes de relação. [...] há uma dinâmica própria do trabalho de ensino-aprendizagem e das exigências específicas do que os professores têm de fazer que muitas vezes lhes rouba tempo para outro tipo de atividades. Portanto, não era mau que as escolas fossem invadidas por profissionais com perfis diferentes e que pudessem contribuir para uma maior diversidade.”

António Baldaia com Ana Alvim (fotografia)

014. Sim, senhor Ministro!

Tiago Brandão Rodrigues herdou uma espécie de Chernobyl. Nuno Crato estendeu as radiações de efeitos nefandos às gerações vindouras; os caminhos para colmatar tudo isso não são simples, nem evidentes.

José Rafael Tormenta

016. Gratuidade dos manuais ou gratuidade da medida?

Admito pagar impostos para suportar um sistema de ensino gratuito; já não me agrada a ideia de pagar impostos para sustentar empresas com interesses comerciais.

Henrique Vaz

018. Da relevância dos cursos profissionais

A generalização dos cursos profissionais produziu efeitos que abriram reais perspectivas para o democratizar, contribuindo para consolidar a diversidade das suas ofertas e a sua identidade.

Domingos Fernandes

020. O direito dos adultos à educação

Uma política, mesmo que modesta, aberta à pluralidade de modalidades, atores, saberes e agendas, seria certamente mais eficaz do que as derivas utilitaristas que pouco, ou nada, têm de educação.

Licínio C. Lima

022. Carta a um menino que vai nascer

Chamar-se-á Guilherme. É o nosso primeiro neto e esta não é a carta que gostaríamos de lhe escrever.

Ariana Cosme e Rui Trindade

024. ESTÁ ALGUÉM EM CASA?

Portefólio de Maria João Leite



028. Os espelhos de Alice

A intolerância e a xenofobia proliferam quando os senhores da guerra soltam os seus peões para matar e minar os elos de cultura. Mas então brota a escola cosmopolita, onde as histórias da história são escritas. A escola da comunicação surge sempre, porque há sempre quem a faça surgir.

Pascal Paulus

030. Direitos humanos e migrações: por uma nova cidadania

A cidadania não pode ser mais uma prerrogativa política que se confere ao conjunto de seres humanos de um Estado, mas antes uma prerrogativa humana que deve adquirir uma dimensão política universal concreta.

Adalberto Dias de Carvalho

032. Refugiados, direitos humanos, hospitalidade e integração – o momento da Pedagogia Social?

A multiplicidade de iniciativas e projetos, bem como de protagonistas, merecia uma abordagem integradora quanto à dimensão socioeducativa implicada no acolhimento e na integração dos refugiados.

José Luís Gonçalves

034. Repensando la integración educativa

En el proceso de integración se produce un intercambio más horizontal y recíproco, donde el grupo minoritario y el mayoritario colaboran y se enriquecen mutuamente.

María Macarena Ossola

036. «El Principito» en la educación intercultural

La escuela debiera adoptar criterios firmes de acción pedagógica intercultural, para integrar e incluir, y no para expulsar a los niños que proceden de otras culturas, religiones, razas y lenguas o que pertenecen a otras etnias.

José Hernández Díaz

038. Quarenta anos da Constituição: algumas considerações impertinentes

Até que ponto o caráter constitucionalista dos interesses que têm presidido às sucessivas revisões não tem pactuado com questões que representam verdadeiros bloqueios para o desenvolvimento do país?

Manuel Matos

040. Recomendação OIT/UNESCO tem 50 anos

No dia 5 de outubro de 1966, a OIT e a UNESCO assinaram em Paris uma recomendação relativa à situação dos docentes. A fixação do Dia Mundial dos Professores celebra aquela data.

042. Fenprof realizou congresso no Porto

Maior organização sindical de professores evocou três efemérides: 50 anos da resolução OIT/UNESCO, 40 anos da Constituição Portuguesa e 30 anos da Lei de Bases do Sistema Educativo.

044. ORA DIGA LÁ... Fred Van Leeuwen

O secretário-geral da Internacional da Educação esteve no Porto e falou à PÁGINA sobre os grandes desafios da organização.

046. Vozes do mundo da Educação

A Fenprof promoveu uma Conferência Sindical Internacional em que participaram 43 organizações. A PÁGINA falou com representantes de alguns sindicatos de diferentes latitudes do globo.

052. Afirmar o sindicalismo lusófono

São várias as organizações sindicais de professores e trabalhadores da Educação na CPLP-SE. Portugal está representado pela Fenprof e pela FNE.

0568. Nova Lei privilegia acolhimento familiar e centralidade dos afetos

A prevalência do acolhimento familiar sobre o residencial será, provavelmente, a mudança mais significativa, pois reconhece o acolhimento familiar como um contexto mais adequado para o bem-estar da criança nesta faixa etária.

Paulo Delgado

060. Austeridade high level e profissionais low cost

A emergência decide habitualmente com base nos recursos sobranes e nos serviços possíveis, e menos nos adequados. Nesta condição, é sempre possível baixar mais os níveis de apoio.

Fernanda Rodrigues

062. A Matemática não é “bicho papão”

Criada em 1986, a APM tornou-se num espaço de acompanhamento dos associados, de reflexão e debate e de intervenção nas políticas educativas.

Reportagem de Maria João Leite



064. ENTREVISTA Lurdes Figueiral

“Não há soluções mágicas ou receitas milagrosas. A nossa busca é pela melhor forma de chegar aos alunos, para que os alunos compreendam, e existem diversas formas que têm a ver com o trabalho interativo na sala de aula, ou seja, dar mais protagonismo ao aluno.”

Maria João Leite (entrevista) e Ana Alvim (fotografia)

070. Estudantes ocuparam colégios públicos no Rio de Janeiro

Esta ação mostra que as juventudes estão mobilizadas para reivindicar direitos sociais básicos e de desenvolvimento social.

Joana Ribeiro e Rebeca Brandão

072. Com a palavra, os alunos!

Os estudantes têm feito manifestações que desafiam o neo-conservadorismo, renovando a esperança em uma juventude capaz de resistir a ameaças e golpes.

Raquel Goulart Barreto

074. Novos cenários para a pesquisa em Educação no Brasil

A mobilização estudantil contra a reorganização da rede escolar de São Paulo resultou no fechamento de 94 escolas. Durante as ocupações, os estudantes transformaram as escolas em espaços de experimentação pedagógica como nunca antes visto.

Roberto da Silva

076. O papel da educação no combate ao extremismo violento

Os programas de intervenção parecem mais direcionados para a vigilância e pacificação da juventude e a manutenção do status quo, e não para os desafios e obstáculos que os jovens muçulmanos de todo o mundo sentem.

Mario Novelli





Júlio Conrado

078. ENTREVISTA Fernando Rosas

“Para as pessoas da minha geração há duas vidas: uma até ao 25 de Abril e outra depois; acho que falo pelos portugueses em geral. É, sem dúvida, o dia mais importante da minha vida. Em todos os aspetos. Foi o dia em que tudo mudou, na nossa vida, no quotidiano, no trabalho, nas relações entre as pessoas, tudo mudou. Foi o fim de meio século de fascismo, de ditadura, de opressão, e o começo de uma vida em democracia, em liberdade.”

Maria João Leite (entrevista) e Sufya Cacao (fotografia)

086. Confessionário

Pecadores e criminosos, assim nos quer a ordem social, uns mais pecadores, outros tantos menos criminosos, enquanto pecamos para matar a fome ou roubamos para sustentar o banquete.

Luís Vendelino

087. HitchBook ou Tru(e)Hitch

Ninguém tenta substituir a leitura de Truffaut, mas o filme de Jones é pelo menos tão importante na compreensão, na finalidade e no impacto do livro, tal como este foi na nossa compreensão dos filmes.

Paulo Teixeira de Sousa

088. A des-moralização do futebol

Messi, Ronaldo, Neymar, são artistas fora do comum e, como tal, deverão admirar-se, estudar-se e aplaudir-se. Mas que deles desponte ‘uma pedagogia da pergunta’ inarredável: por que há tanto dinheiro para nós e tão pouco para a Educação, para a Saúde, para a Segurança Social?

Manuel Sérgio

090. Cultura e Educação

Um organismo ministerial cuidará de promover e patrocinar tudo quanto leva à manifestação da identidade de um país, representada por uma história, uma filosofia, uma tradição e um desígnio. Tarefa difícil...

Leonel Cosme

092. Passos Perdidos

A coincidência de o apelido do anterior primeiro-ministro acomodar conexões com a denominação de um espaço é isco insinuante q.b. para atrair curiosos. Mas os amantes de boa literatura coloquial ficarão certamente agradados com o bônus que lhes é reservado nos diálogos do último terço do livro.

094. Proposta modesta para dissipar confusão crónica
Economistas e banqueiros confundem-se a eles próprios, desconhecendo onde acaba o ‘economês’ e começa o Português. E o principal motivo da confusão é o bilião.

José Catarino Soares

096. Comunicando no mundo das Coisas

A novidade, além das pessoas, são as Coisas enquanto ‘comunicantes’. Coisas que não suportam redundâncias como os falantes.

Francisco Silva

098. Focas e soldados

A seleção natural é positiva, negativa ou neutra, em termos éticos? Sabemos interpretar as lutas entre animais, mas continuamos a não interpretar cabalmente as intermináveis lutas entre humanos.

Carlos Mota

100. A Queima

O Prof. S. ficou estupefacto com o convite. Apadrinhar uma turma de finalistas?! E logo de uma escola que não a sua! Nunca pensou que tal lhe poderia acontecer.

Luís Souta



ADRIANO RANGEL

A hospitalidade constitui um dos traços essenciais da mentalidade europeia, em conformidade com uma ampla tradição humanista, cosmopolita e acolhedora. Contudo, diante de atentados contra o dever universal de hospitalidade como aqueles que vem sendo praticados em relação a quem hoje bate às portas do velho continente, reclamando acolhimento, os ideais clássicos parecem ter perdido força e sentido. De certo modo, pode dizer-se que a morte trágica de milhares de seres humanos nas águas do Mediterrâneo representará a morte da hospitalidade e, em última análise, a morte da própria ideia de Europa, enquanto entidade político-cultural irredutível a critérios de natureza meramente geográfica ou económica. A verdade é que onde se esperava que houvesse abertura, respeito e confiança, proliferam as lógicas de fechamento, os comportamentos excludentes e os sentimentos de medo e desconfiança, reforçados por um clima social cada vez mais marcado pela banalização da violência e do terror. Por outro lado, neste contexto, as inúmeras práticas de cidadania solidária desenvolvidas perseverantemente por uma multiplicidade de cidadãos, tendem a ser desvalorizadas e obscurecidas, gerando um fenómeno de invisibilidade social de consequências perversas e extremamente injustas em relação ao esforço real dos atores, coletivos e individuais.

Convocando de modo especial o papel crucial da educação, tanto na sua vertente escolar como na perspectiva mais ampla da pedagogia social, pensamos que a resposta às tragédias humanitárias e às situações de urgência, designadamente aquelas que presentemente desafiam os universalistas de todo o mundo, é indissociável de uma cultura de hospitalidade prática, viva e ativa. Ou seja, não basta abrir as fronteiras ou apelar para as estruturas político-jurídicas nacionais e internacionais, é preciso que, nas diferentes esferas do viver em comum, nos domínios da economia, da justiça, da saúde, do trabalho, dos serviços públicos, do turismo e, necessariamente, da educação, saibamos afirmar uma verdadeira cultura de cooperação e respeito pelos direitos humanos. Só assim a Europa poderá continuar a representar um referencial de democracia, de integração e de justiça social, conforme é sublinhado por um dos nossos entrevistados, Fernando Rosas. O conhecido historiador, ativista político e professor recentemente jubilado, fala-nos de Portugal, da Europa e do mundo, deste mundo que anda “muito confuso”, mas também das suas duas vidas pessoais: a anterior ao 25 de Abril e a que veio depois desse dia em que tudo mudou.

Num ano em que se comemoram os 50 anos da Recomendação da OIT/UNESCO relativa ao estatuto dos professores, os 40 anos da Constituição da República Portuguesa e os 30 anos da Lei de Bases do Sistema Educativo, esta edição da PÁGINA coloca em foco a Recomendação sobre as condições profissionais, materiais e morais necessárias ao exercício da docência, dando concretamente destaque a um conjunto de testemunhos recolhidos por ocasião do 12º congresso da Federação Nacional de Professores (Fenprof). Realizado no Porto, em abril último, e sob o lema “Valorizar a Profissão, Reafirmar a Escola Pública”, este congresso contou com a presença de 60 convidados, representando 39 organizações de professores de 26 países de todos os continentes, para além dos cerca de 600 delegados de todo o país. Há 50 anos, em





EDITORIAL

Construir tempos de hospitalidade

1966, a OIT/UNESCO apontava para a necessidade de considerar o ensino como profissão, isto é, como forma de serviço público que requer conhecimentos especializados, adquiridos e mantidos através de estudo rigoroso e contínuo. Admitindo que a questão do estatuto profissional estará, em boa medida, resolvida, o desafio coloca-se agora no plano da decisão sobre os modelos profissionais a privilegiar. Que ideais, que valores e que padrões de conduta estruturam, ou deverão estruturar, os espaços de autoridade profissional docente?

Remetendo para as palavras de Fred Van Leeuwen, secretário-geral da Internacional da Educação (IE), lembramos a este respeito que a batalha por uma profissão qualificada, unida e reconhecida é indissociável da batalha por políticas educativas efetivamente sintonizadas com as exigências de humanidade, cidadania e democracia do nosso tempo. Para tal, como afirma por sua vez Isabel Menezes, em entrevista, precisamos de profissionais que sejam capazes de assumir a plenitude da sua condição cidadã. Citando palavras desta conhecida autora, docente e investigadora, colaboradora permanente da PÁGINA desde há muitos anos, a verdade é que “profissionais desempoderados dificilmente geram empoderamento”. Em alinhamento com estes pressupostos, é importante ainda salientar o papel dos sindicatos e das associações profissionais, como, por exemplo, a Associação de Professores de Matemática (APM), que este ano comemora 30 anos de existência. Como nos diz Lurdes Figueiral, atual presidente da APM, “juntos somos sempre mais do que a soma individual de todos nós”. Sem esquecer que uma comunidade profissional forte é uma comunidade lúcida em relação à sua identidade e, como tal, uma comunidade aberta, solidária e hospitaleira.

De forma mais ou menos explícita, a noção de hospitalidade está muito presente nesta edição, reenviando conceitualmente para a experiência relacional de alteridade e, dessa maneira, para o acontecimento humano por excelência. Um acontecimento aqui evocado simbolicamente através do portefólio sobre “batentes e aldrabas”, assinado pela nossa jornalista, Maria João Leite. Os batentes e as aldrabas são elementos constitutivos das portas, remetendo-nos assim também, e de forma singular, para a linguagem da hospitalidade. Situados no lado exterior da porta e revelando normalmente o gosto estético e a posição social do anfitrião, essas peças emblemáticas tanto podem servir para “bater a porta” como para “bater à porta”, sendo utilizadas nuns casos como forma de fechar a casa com segurança, protegendo-a dos intrusos, e noutros como forma de a abrir, facilitando ao hóspede a tarefa de fazer-se anunciar, isto é, de chamar a atenção de quem está dentro. Seja como for, quando um batente ou uma aldraba se fazem ouvir, então alguém está à entrada da casa, um desconhecido, um visitante ocasional, um familiar, um vizinho ou um amigo. A um nível fundamental, o que importa sublinhar é a capacidade de abertura ao outro, seja qual for a sua identidade, a história ou o motivo da sua chegada.

É, pois, sob o repto de uma cultura de hospitalidade a construir, em permanência, que, a PÁGINA se despede, prometendo voltar em dezembro com uma edição comemorativa dos seus 25 anos.

**PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS**
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLUCRO FECHADO
EM SERVIÇO
DEPOSTO BUL/R/CMM
PODE ABRI-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL


cttcorreios
TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO 19214

PORTUGAL É UMA REPÚBLICA SOBERANA, BASEADA NA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA E NA VONTADE POPULAR E EMPENHADA NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE LIVRE, JUSTA E SOLIDÁRIA.

[artigo 1º da Constituição da República Portuguesa – aprovada pela Assembleia Constituinte em 2 de abril de 1976, entrou em vigor no dia 25 de abril de 1976, dois anos depois da Revolução]

